



Gungunhana:
o passado e o presente literário de Ungulani Ba Ka Khosa

Gungunhana:
the literary past and present of Ungulani Ba Ka Khosa

*Adilson Fernando Franzin**

Resumo: O passado e o presente literário de Ungulani Ba Ka Khosa se unem em *Gungunhana*, pois esta obra, publicada em 2018, é composta pelo romance *Ualalapi*, originalmente lançado em 1987, e por uma segunda seção na qual se encontra a narrativa inédita de *As Mulheres do Imperador*, reconstrução ficcional de um silenciado universo feminino que integrou o Império de Gaza, em fins do século XIX. Ao presente estudo impõe-se o desejo de compreender como o escritor moçambicano – munido de saberes socioculturais notáveis e transitando nos limites entre ficção e história – esteticamente recompôs as subjetividades femininas em *As Mulheres do Imperador*, as quais tiveram não apenas que criar estratégias de sobrevivência durante os quinze anos de exílio, mas também ressignificar suas vidas no retorno ao solo de Moçambique, em 1911.

Palavras-Chave: Ungulani Ba Ka Khosa; Gungunhana; Ualalapi; As mulheres do imperador, Literatura Moçambicana;

Abstract: Ungulani Ba Ka Khosa's past and literary present unite in *Gungunhana*, as this work, published in 2018, is composed of the novel *Ualalapi*, originally released in 1987, and a second section in which is the unpublished narrative of *As Mulheres do Imperador*, fictional reconstruction of a muted female universe that integrated the Gaza Empire in the late nineteenth century. The present study imposes the desire to understand how the Mozambican writer - armed with remarkable socio-cultural knowledge and transcending the boundaries between fiction and history - aesthetically recomposed the feminine subjectivities in *The Emperor's Women*, which not only had to create survival strategies during the fifteen years of exile, but also to re-signify their lives in the return to the soil of Mozambique in 1911.

* Doutorando em Estudos Portugueses pela Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV) e em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: adilsonfranzin@usp.br

Keywords: Ungulani Ba Ka Khosa; Gungunhana; Ualalapi, The women of emperor; Mozambican literature;

Ao longo de três décadas e com uma dezena de títulos publicados entre crônicas, contos e romances, Ungulani Ba Ka Khosa se consolida como uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea de Moçambique. Em 2018, a publicação de *Gungunhana*¹ parece fechar um ciclo que se iniciara em 1987, ano do lançamento de *Ualalapi*², em Maputo, celebrado livro que representou sua incontornável estreia na seara literária, cuja repercussão positiva de crítica e público lhe rendeu o nome na lista dos cem melhores autores africanos do século XX. Deste modo, o passado e o presente literário do escritor moçambicano se amalgamam em *Gungunhana*, uma vez que tal obra é composta pelo texto integral de *Ualalapi* – aurora e ocaso da conhecida história do último imperador de Gaza – além de uma segunda seção na qual encontramos a narrativa inédita de *As Mulheres do Imperador*, reconstrução ficcional do silenciado universo feminino em que suas personagens, estigmatizadas durante os quinze anos de desolado exílio, têm de enfrentar não apenas o retorno ao solo pátrio, mas também a premência de ressignificar suas vidas.

Desde o período pré-colonial até os dias atuais, a predileção por fazer deambular em suas páginas os proscritos da sociedade ou gentes menos notáveis é a razão pela qual Ungulani Ba Ka Khosa investe no resgate da alma de um tempo e tenta dar espessura ao papel das mulheres como partícipes da História, não mais como simples símbolos da realeza e da virilidade dos idos áureos do “Leão de Gaza”, mas atuantes com suas artimanhas e subjetividades para viverem num mundo marcadamente dominado pelos desideratos masculinos fundados no poder bélico e fálico, o qual durante muito tempo permeou a complexa relação colonial entre Portugal e Moçambique. Assim, se em *Ualalapi* o escritor moçambicano releva a personagem epônima e faz desse mero guerreiro nguni o grande responsável pela morte de Mafemane, irmão de Ngungunhane e dileto legatário ao trono – acontecimento que promove uma drástica guinada nos rumos da sucessão imperial –, em *As Mulheres do Imperador*, o autor continua a promover a desconstrução dos mitos em torno da realeza africana, simultaneamente, fragilizando e humanizando grandes personagens históricos como Ngungunhane, Godide, Zilhalha e Molungo, além de pontuar o destino de cada uma das mulheres que foram exiladas juntamente com eles.

Apesar da importância de Ungulani Ba Ka Khosa no que concerne à literatura moçambicana em específico e, de modo geral, às literaturas africanas de língua portuguesa, no Brasil, somente em 2013 houve a primeira edição de *Ualalapi*, pela editora mineira Nandyala, ao que se seguiram novas publicações, em 2016, pela Kapulana, editora sediada em São Paulo, a qual lançou *Orgia dos Loucos*³, livro que reúne nove contos, originalmente publicado em 1990, além do livro infanto-juvenil, *O Rei Mochô*⁴, cujas páginas ilustradas tiveram a autoria do artista plástico moçambicano Americo Amos Mavale. Diante disso, a obra do escritor moçambicano se encontra dispersa por várias casas editoriais de Moçambique, Portugal e Brasil, sendo que alguns títulos são difíceis de serem encontrados, pois não têm a exclusividade editorial da qual gozam outros conhecidos escritores moçambicanos. Tal fato restringiu a circulação da arte literária de Ungulani aos diletantes das literaturas africanas, igualmente a um reduzido público acadêmico que por ora vê a possibilidade de ampliar as reflexões em torno de sua obra mediante as recentes edições brasileiras,

¹ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Gungunhana: Ualalapi seguido de As Mulheres do Imperador*. Porto: Porto Editora, 2018.

² KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

³ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Orgia dos Loucos*. São Paulo: Kapulana, 2016.

⁴ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *O Rei Mochô*. São Paulo: Kapulana, 2016.

as quais certamente aguçam a busca por outros títulos do escritor, como é o caso de *Gungunhana*, por enquanto, lançado apenas no Porto, cidade localizada a noroeste de Portugal, pela Porto Editora.

Os personagens históricos do Império de Gaza, por se tratar dos primórdios do que viria a se constituir Moçambique enquanto nação e também por instituírem símbolos autóctones de resistência, sempre exerceram um grande fascínio no universo literário de Moçambique. Indubitavelmente um dos textos basais da literatura moçambicana é *Godido*⁵, de João Dias, publicado em 1952 pela Casa dos Estudantes do Império, pois em 1949, aos vinte e três anos de idade, o jovem escritor sucumbiu à tuberculose. Assim, ele foi um dos primeiros a exaltar a figura do príncipe de Gaza, estabelecendo, pois, uma espécie de marco zero para legitimar uma narrativa moçambicana imbuída em representar esteticamente o *ethos* de seu povo, em detrimento da míope literatura colonial. Além disso, considerada um dos pilares da poesia moçambicana, Noémia de Sousa dedicou-lhe o poema intitulado “*Godido*”⁶ como póstuma homenagem, em 1950. Ademais, não podemos preterir o nome de Artur Serrano, autor do primeiro livro publicado em Moçambique, *Sons Orientais*⁷, de 1891, nem da novela que circulou nas páginas dos folhetins, entre 1929 e 1930, com o título de *Na Terra Ubérrima*, da autoria de Estácio Dias, pai de João Dias, pois ambas as obras já retratavam a figura de Ngungunhane como um déspota cruel⁸.

A razão pela qual *Godido* – ou *Godide*, como prefere Ungulani Ba Ka Khosa – ser tido como o grande emblema nacional, na metade do século XX, e não a figura grandiosa de Ngungunhane se deveu ao fato deste último não ter nascido em localidades moçambicanas, mas através de inúmeras conquistas militares, ter gradualmente migrado e acedido a tais territórios, diferentemente de *Godido* que é considerado filho de Moçambique. Contudo, em meados dos anos 1980, à procura de ícones nacionais de valentia para tentar estancar, frente ao descontentamento popular, as fissuras de um sistema socialista de governo que, inevitavelmente, ruía com os desmandos da Frelimo a insistir na formação do “homem novo”, Samora Machel solicita o traslado da ossada de Ngungunhane, de Angra do Heroísmo, onde falecera em 1906, para Maputo.

Sendo testemunha das mazelas dos campos de reeducação no Niassa⁹, onde exerceu atividade docente, Ungulani logo se lança à feitura de *Ualalapi* para propor uma nova versão da gesta imperial de Ngungunhane. Todavia, *à rebours* dos anseios frelimistas, o escritor moçambicano retrata o chefe supremo dos nguni como uma pessoa covarde e traidora, sórdida e sem escrúpulos, alcoólatra e sexualmente pervertida. Com efeito, Ngungunhane e seu séquito não se limitariam literariamente à letra acutilante de Ungulani, pois mesmo sendo o pioneiro no sentido de revelar a face obscura do “Leão de Gaza” à época, atualmente a chama desse debate permanece bem acesa em virtude de importantes escritores moçambicanos continuarem a dar azo ao tema: Paulina Chiziane publica, em 2013, o livro *As Andorinhas*¹⁰, cujo conto intitulado “Quem manda aqui?” retrata de forma irônica e lúdica as arbitrariedades e infortúnios de Ngungunhane; Mia Couto com

⁵ DIAS, João. *Godido e Outros Contos*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1952.

⁶ SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016, p. 119-121.

⁷ SERRANO, Artur. *Sons Orientais*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1891.

⁸ NHAMONA, Elídio Miguel Fernando. *Dialética das formas literárias: uma interpretação de O Livro da Dor, Godido e Outros Contos e Chitlango, Filho de Chefe*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 95.

⁹ LABAN, Michel. *Moçambique: Encontro com Escritores*. Vol. III. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998, p. 1051-1054.

¹⁰ CHIZIANE, Paulina. *As Andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013, p. 9-44.

sua trilogia designada *As Areias do Imperador*, lança *Mulheres de Cinza*¹¹, em 2015, *Sombras da Água*¹², em 2016, e finalmente, em 2018, *O Bebedor de Horizontes*¹³. Ora, sem dúvida com *Gungunhana* e, sobretudo, com a inédita segunda parte que o compõe, *As Mulheres do Imperador*, Ungulani Ba Ka Khosa parece estar atento aos debates literários sempre com a frontalidade e criticidade que lhe são peculiares.

Para quem tem acompanhado a literatura moçambicana, a primeira impressão em relação ao título, “Gungunhana”, é de estranhamento, pois se trata de uma maneira portuguesa de se referir ao hosi, isto é, ao rei de Gaza, o que talvez fosse uma atitude reprovável por se tratar de um título de autoria africana. Porém, as sutilezas da língua, por vezes, podem esconder situações muito mais complexas. Nessa mesma esteira e com um viés marcadamente político, há o caso da utilização da designação do sintagma “luta de libertação”, utilizada pelos africanos, em detrimento da expressão “guerra colonial”, de predileção dos portugueses, ou ainda a sagaz substituição salazarista do termo “colônias” por “províncias ultramarinas”, artifício que ludibriou a ONU na metade do século XX. Em vista disso, Paulina Chiziane parece fundir o “n” inicial, característico de palavras africanas, ao “a” final dos portugueses, pois, em *As Andorinhas*, constata-se o vocábulo “Ngungunhana”. Por sua vez, Mia Couto faz questão de explicar o fenômeno linguístico em nota de rodapé: “os nomes Ngungunyane ou Gungunhana serão usados ao longo do texto em função da origem dos locutores, africanos ou portugueses, mas referindo sempre a pessoa do rei de Gaza.¹⁴” Dessa forma, para além da presença do “y”, prescindível na grafia utilizada por Ungulani, o rótulo aportuguesado, “Gungunhana”, é assaz justificável, uma vez que o imperador nunca mais retornou a Moçambique, tendo abandonado também seus antigos hábitos. Aliás, com a bênção e apadrinhamento do então governador de terras do exílio, o general Frederico Augusto de Almeida Pinheiro, depois de submetê-lo aos sacramentos cristãos de batismo e crisma, fez com que Ngungunhane passasse a atender pelo nome de Reinaldo Frederico Gungunhana.

Ao acessarmos o paratexto de *As Mulheres do Imperador*, o conteúdo epigráfico logo nos chama a atenção a surgir como caução de um conhecimento literário e cultural mais amplo. Não ao acaso, Ungulani Ba Ka Khosa fora cofundador da revista literária *Charrua*¹⁵, ao lado de Eduardo White, Juvenal Bucuane, entre outros, a qual se apresentou como uma das mais importantes revistas das letras de Moçambique a reforçar não apenas um ecletismo alicerçado em poéticas tão distintas – como a de Fernando Pessoa, Césaire, Brecht, Rui Nogar, Dante, cujos nomes constam em sua primeira edição – mas principalmente a reivindicar uma expressão livre das amarras ideológicas da Frelimo. Dessa forma, em prol de um pluralismo literário como o de *Charrua*, o escritor moçambicano convoca Milan Kundera, Luis Sepúlveda e José Saramago para fixar suas epígrafes.

O romancista chileno adverte: “nunca confies na memória porque está sempre do nosso lado: suaviza a atrocidade, dulcifica a amargura, põe luz onde só houve sombras. A memória tende sempre à ficção¹⁶” e o escritor tcheco torna complexa a questão da memória:

¹¹ COUTO, Mia. *As Areias do Imperador*. Livro Um – Mulheres de Cinza. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

¹² COUTO, Mia. *Sombras da Água: As Areias do Imperador – uma trilogia moçambicana*, livro 2, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹³ COUTO, Mia. *O Bebedor de Horizontes: As Areias do Imperador – uma trilogia moçambicana*, livro 3, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹⁴ COUTO, Mia. *Op. cit.*, 2018, p. 14.

¹⁵ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Charrua - Revista Literária*. N°1, Junho de 1984.

¹⁶ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 87.

Nunca acabaremos de criticar os que deformam o passado, o reescrevem, o falsificam, que dilatam a importância de um acontecimento, calam a de outro; estas críticas são justas (não podem deixar de sê-lo), mas não têm grande importância se não forem precedidas de uma crítica mais elementar: a crítica da memória humana enquanto tal¹⁷.

Dessa forma, a arte literária de Ungulani Ba Ka Khosa como um todo e especificamente a narrativa de *As Mulheres do Imperador* parecem poder se alinhar ao que a especialista das literaturas africanas Ana Mafalda Leite claramente teoriza:

Se a historiografia não permite, a maioria das vezes, a abordagem das narrativas marginais, das vivências esquecidas, e das emoções que com elas foram experienciadas, a literatura pode ser campo para a invenção de diversas formas de narrativa, em que a pesquisa histórica e antropológica repõe acontecimentos e eventos singulares, envolvidos no desconhecimento, ou caídos no esquecimento¹⁸.

Ao ativar e trazer para o âmbito literário a memória individual e coletiva de personagens a transitarem por espaços urbanos e periféricos de Lourenço Marques, Ungulani Ba Ka Khosa confronta sua mundividência com o discurso da memória política e histórica de Moçambique, ciente de que as mulheres foram sempre preteridas das decisões sociais de seu país. Ademais, como afirma Todorov¹⁹, a memória não se opõe ao esquecimento, os dois termos contrastantes são, no caso, o apagamento e a conservação, pois a memória é sempre e necessariamente uma interação entre esses dois termos. Assim, a memória se iguala à história em seu modo de selecionar o passado como construção intelectual e não como um fluxo exterior ao pensamento. Em suma, todas essas reflexões epigráficas suscitadas pela memória funcionam como uma importante chave de leitura para uma compreensão mais abalizada da diegese de *As Mulheres do Imperador*, na qual o narrador deixa evidente quão desimportante fora o regresso do grupo das ex-rainhas para Moçambique naquela tarde de 31 de julho de 1911:

Elas não provocaram a esperada curiosidade na elite indígena: os irmãos Albasine, paladinos dos interesses dos Cafres, não fizeram a mínima referência à chegada das mulheres no jornal de que eram proprietários. Elas não eram notícia. Não existiam. Foram elididas da memória²⁰.

Se o retorno das mulheres soberanas a Moçambique pela baía de Lourenço Marques não teve importância para imprensa moçambicana ou para os transeuntes: “à medida que o navio *África*

¹⁷ KHOSA, Ungulani Ba Ka. Op. cit., 2018, p.85.

¹⁸ LEITE, Ana Mafalda. Reescrever os limiares da História para repensar a Nação. LEITE, Ana Mafalda; OWEN, Hilary; CHAVES, Rita & APA, Livia (Orgs). *Nação e Narrativa Pós-colonial I. Angola e Moçambique – Ensaio*. Lisboa: Edições Colibri, 2012, p. 109.

¹⁹ TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995, p. 14.

²⁰ KHOSA, Ungulani Ba Ka. Op. cit., 2018, p. 118.

se desembaraçava dos passageiros, que à época tinham registos nos jornais, as mulheres do imperador davam-se conta de que ninguém lhes ligava²¹”, o mesmo não pode ser dito do ano de 1896, aquando da partida delas e de seus esposos de Lisboa para os Açores, pois as prisioneiras africanas foram forçadamente obrigadas a se separarem de Ngungunhane, em consequência das inúmeras críticas da sociedade portuguesa à poligamia do rei de Gaza. Anteriormente, na chegada do “Leão de Gaza” em Lisboa, houve a presença de altos dignitários tais como ministros da Marinha, dos Negócios Estrangeiros, o diretor-geral do ultramar, o embaixador da Rússia e muitos jornalistas.

Curiosamente, após as epígrafes, Ungulani Ba Ka Khosa agrega à abertura de seu texto alguns recortes dos jornais da época, os quais estampavam indignados a postura do governo português em frases como: “o governo queria dar espetáculo e explorar com os pobres negros o patriotismo do povo, por isso os mandou vir²²” ou ainda “com os gungunhanas brancos nunca se fez isso²³”. Somam-se ao fato as convulsões políticas lusas que estava em vias de suprimir o poder monárquico para instituírem uma nova ordem republicana. Com efeito, os alvares da república já incidiam no território do ultramar e o recém-nomeado governador de Moçambique, o senhor José Francisco de Azevedo e Silva, ao observar o desembarque das quatro ex-esposas do grande rei vátua e das duas de Zilhalha, teceu o seguinte comentário: “- Que se arranjem. As pretas não têm dignidade de rainhas. Aliás, faz quase um ano que instauramos a República. Nada lhes devemos.²⁴”

Na narrativa de *As Mulheres do Imperador* podemos perceber o esforço de Ungulani Ba Ka Khosa em aglutinar informações de um território em construção pela mão indígena, como os africanos eram designados à época, e o colonizador a gozar as benesses desse trabalho. Além disso, da zona portuária ao interior do mato, a ambiência da narrativa é arquitetada com abundância de detalhes em relação à espacialidade citadina e periférica do sul de Moçambique, especificamente da emergente cidade de Lourenço Marquês, capital da colônia desde 1898, onde os brancos (mulungos) e africanos (indígenas) se relacionavam sob a inescrupulosidade própria do colonialismo do início do século XX. Assim, havia a chamada zona de circunvalação, onde os negros não podiam transitar sem as respectivas cadernetas de indígena a fim de cumprirem exclusivamente as obrigações impostas pelos colonos, obviamente se tratava da área mais desenvolvida da cidade em termos comerciais, arquitetônicos e de transportes, sendo a região periférica cada vez mais abarrotada pela população à mercê de benfeitorias sociais:

A região composta por centenas de palhotas e dezenas de casas de madeira e zinco, era, maioritariamente, habitada por emigrantes dos distritos de Gaza e Inhambane, não abrangidos pelo recrutamento para as plantações de cana-de-açúcar de Natal e para as minas de ouro de Witwatersrand, na África do Sul, e que procuravam melhores condições de vida e trabalho no porto de Lourenço Marques, na ferrovia ligando a baía à cidade de Pretória, nos serviços camarários, na construção civil e no emprego dos quintais, como então se dizia dos empregados domésticos, trabalho de que Sibuko Simango se orgulhava, em parte por ter um patrão não dado a palavrões e bofetadas e pontapés e cuspidelas. Era comum assistir-se, em pleno dia, a pretos latagões a serem seviciados por senhoras brancas de fraca estatura física, e a outros serem pontapeados, por tudo e por nada, nas obras de construção

²¹ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 100.

²² *O Paiz*, ano 1, n°242, 2 de julho de 1896, p. 2.

²³ *O Paiz*, ano 1, n°233, 23 de junho de 1896, p. 2.

²⁴ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 104.

civil, por capatazes visivelmente etilizados ou transtornados pelo sufocante calor dos trópicos²⁵.

Vale a pena lembrar que em princípios do século XX o colonialismo português era ainda incipiente perto daquele que Moçambique iria experimentar anos mais tarde com a intensificação das políticas salazaristas para o além-mar. Em vista disso, o sociólogo José Luís Cabaço nos fornece subsídios para entendermos as disparidades das relações coloniais deste início de século, as quais vinham sendo articuladas desde a Conferência de Berlim:

A sociedade colonial em África concebe-se e organiza-se em função de uma multiplicidade de dualismos: frente a frente, bem marcados, estarão não apenas “branco e preto”, “indígena e colonizador”, mas também “civilizado e primitivo”, “tradicional e moderno”, “cultura e usos e costumes”, “oralidade e escrita”, “sociedade com história e sociedade sem história”, “superstição e religião”, “regime jurídico europeu e direito consuetudinário”, “código do trabalho indígena e lei do trabalho”, “economia de mercado e economia de subsistência”, etc., todos eles conceitos marcados pela hierarquização, em que uns se apresentam como a negação dos outros e, em muitos casos, como a sua razão de ser²⁶.

Igualmente relevante seria destacarmos que muitos estereótipos que permanecem até os dias atuais a respeito da África grassaram no século XIX, momento em que os africanos eram considerados seres a-históricos, como afirmou certa vez o filósofo alemão Friedrich Hegel:

A África propriamente dita é a parte característica deste continente. Começamos pela consideração deste continente, porque em seguida podemos deixá-lo de lado, por assim dizer. Não tem interesse histórico próprio, senão o de que os homens vivem ali na barbárie e na selvageria, sem fornecer nenhum elemento à civilização. Por mais que retrocedamos na história, acharemos que a África está sempre fechada no contato com o resto do mundo, é um Eldorado recolhido em si mesmo, é o país criança, envolvido na escuridão da noite, aquém da luz da história consciente. (...) Nesta parte principal da África não pode haver história ²⁷.

Sufocados pelas interdições do colonialismo que se propunha a despudoradamente “levar a luz” às trevas africanas, eram envolvidos mesmo na escuridão da noite que os africanos mantinham suas crenças e cultivavam suas práticas ancestrais, como bem observou o senhor José Francisco de Azevedo e Silva, governador de Moçambique:

[...] Os pretos, os não assimilados, como se apercebera, nestes poucos meses em África, só se reconciliavam com os ancestrais hábitos pela calada da noite. Era normal ouvir, para lá da zona de Circunvalação, o ribombar dos tambores e os

²⁵ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 145-146.

²⁶ CABAÇO, José Luís. *Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação*. Maputo: Marimbique, 2010, p. 36.

²⁷ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia de la historia universal*. Madri: Revista de Occidente, 1928, t. I., p. 187.

cânticos evoluindo em ritmos assustadores para as almas brancas habituadas a outros sons melódicos, já assumidos pelos poucos negros e mestiços assimilados. De dia para seu espanto, os pretos mostravam-se diferentes, sempre submissos à ordem dos brancos, assustando-se como lagartos aos gritos dos capatazes nas ferrovias, estradas e pontes. Os brancos tinham já sob o seu domínio os pretos que de tronco nu se entregavam servilmente ao trabalho forçado e miseravelmente pago²⁸.

Diluindo na voz do narrador o pensamento do Doutor Azevedo e Silva, como era chamado pelos subalternos o já referido governador de Moçambique, Ungulani Ba Ka Khosa faz menção ao rápido desmantelamento do Império de Gaza submetido à nova estrutura colonial portuguesa, sobretudo, na memória do povo outrora considerado destemido e guerreiro:

O tal orgulho vátua, que se impôs por mais de meio século, esfarelou-se em tempo recorde. Já ninguém fazia alusão ao império que se impôs nas terras do Sul da colónia. Os pretos só erguiam a cabeça ao cair da noite. Submetiam-se aos ancestrais ritos pela noite que libertava os espíritos temerosos da luz do dia, da luz dos brancos, do demónio branco que se fez às águas e domina o Sol. Estavam condenados a dividirem-se entre a noite, seu domínio, sua zona de conforto, e o dia, zona de tranquilidade dos brancos, o espaço por excelência da exploração, do empreendedorismo, do poder. Que a noite ficasse para os pretos, que se entregassem desalmadamente às orgias do seu encantamento, que assumissem na plenitude o paganismo que os caracterizava, mas que ao alvorecer, ao raiar da luz, se entregassem aos valores dos brancos, do Ocidente, da cultura civilizadora²⁹.

Ao contrário do pensamento equivocado de Hegel, Ungulani Ba Ka Khosa sabe da importância histórica de África e de Moçambique, logo, títulos como *Ualalapi* e *Choriro*³⁰ fazem da literatura do escritor moçambicano uma tocha para iluminar o XIX, no sentido de entender endogenamente o *modus vivendi* africano longe do míope olhar colonial. Portanto, Sibuko Simango, figura de solidariedade irretocável na narrativa de *As Mulheres do Imperador*, é esboçado não como um selvagem infantil, mas como um personagem expedito e inteligente que guiará e receberá, em virtude de laços familiares, as ex-rainhas em sua casa para protegê-las na única noite que pernoitarão ali até decidirem por onde recomeçarão a recompor os estilhaços da vida que restou de quinze anos de exílio.

Eis que Ungulani esquadrinha o humilde espaço onde Sibuko Simango abrigará, nas terras de Chamanculo fora da área de circunvalação, as mulheres da realeza do extinto império de Gaza, nomeadamente, Namatuco, Malhalha, Phatina, Lhésipe, ex-esposas de Ngungunhane, igualmente Oxaca e Debeza, as respectivas cônjuges de Zihalha. Enfim, o escritor moçambicano parece propor uma gênese, nessas primeiras décadas do século XX, para justificar socialmente o que viria a ser uma contradição da futura cidade de Maputo:

No centro de um quintal de caniço estava a casa principal de um só cômodo, do Sibuko Simango. Nos cantos traseiros erguiam-se, à direita, uma palhota cónica a

²⁸ KHOSA, Ungulani Ba Ka, *Op. cit.*, 2018, p. 118.

²⁹ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Id.* 2018.

³⁰ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Choriro*. Porto: Sextante, 2015.

servir de cozinha, e, à esquerda, e sem teto, um entrançado de caniço servindo de latrina e serviço de banho. Era um terreno de médias dimensões, delimitado pelos usuários e sem o aval da Câmara Municipal que não chegava à zona dos pretos em matéria de arruamentos e drenagem. As casas, de precária solidez, iam-se erguendo à medida que a cidade se tornava um chamariz para os que fugiam do chibalo e do imposto de palhota. Nasceram os subúrbios da cidade de Maputo, com a sua carga de miséria e alienação³¹.

Retratando um indígena bem empregado aos moldes da exploração colonialista, o qual pode ser encarado como um paradigma social da época, o narrador esboça uma espécie de inventário de Sibuko:

Com os rendimentos de empregado doméstico, Sibuko estava na esfera dos suburbanos privilegiados. O pequeno pecúlio do trabalho nos quintais permitia-lhe cobrir, a espaços, a casa principal, com zinco reformado das lojas dos cantineiros baneanes, ter cinco a seis cadeiras usadas sem braços, uma pequena mesa, esteiras à altura das necessidades, panelas, pratos, colheres, garfos e copos de alumínio, mantas e outros objetos de uso caseiro. Permitia-se, com o cartão de indígena, levantar produtos a crédito na loja dos Narotam, baneanes com cantinas espalhadas nos subúrbios da Malanga, Mafalala e Munhuana³².

Quanto ao universo feminino em torno de Ngungunhane, historicamente são sete o número de esposas que foram desterradas juntamente com o rei vátua. Na capa de *Gungunhana*, no entanto, há apenas seis, pois foi suprimida a ex-rainha sentada mais à direita, na célebre foto captada na época do aprisionamento da corte de Gaza por Mouzinho de Albuquerque, a qual pode ser conferida, na íntegra, anexada às últimas páginas do livro *O Bebedor de Horizontes*³³, de Mia Couto. Assim, o texto de Ungulani relata sucintamente que Muzamussi, a preferida do rei, falecera, assim como Fussi, afeita a orgias, definhara em três anos em São Tomé. Além disso, o autor de *Gungunhana* não traça com precisão os rumos de Dabondi. Enfim, essas três mulheres não chegariam à baía de Lourenço Marques com Namatuco, Lhésipe, Phatina, Malhalha, Debeza e Oxaca, essas duas últimas, ex-esposas de Zilhalha, súdito de Ngungunhane.

Entre as mulheres que povoam substancialmente as páginas da narrativa, com certeza Namatuco é a que mais impressiona os leitores, não apenas pela sua forte personalidade, mas principalmente por ter poderes paranormais ligados aos espíritos ancestrais ngunis, pois ela tem “o destino de desfiar o fio da vida.” Seu futuro estará em Chaimite para cuidar da terra sagrada do Soshangane Nhumayo, fundador do império de Gaza. Todavia, na corte ela cumpria o papel de oráculo de Ngungunhane prevendo com constância o futuro do monarca, tal dom fazia com que ele cobiasse mais os seus serviços de advinha que seus atributos femininos, o que o faz tomar uma atitude despótica:

Não posso admitir que esta mulher transmita, por herança genética, os poderes que ela tem a um filho que possa, eventualmente, com o poder a herdar, tirar o

³¹ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 164.

³² KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 173-174.

³³ COUTO, Mia. *Op. cit.*, 2018, p. 314.

meu príncipe Godide da sucessão. Aos espíritos o seu lugar”, assim sentenciou Ngungunhane aos nyangas que depressa trataram de cumprir com a ordem de Namatuco não mais poder ser fértil, como o comum das mulheres. E ela aceitou, sacrificou a maternidade, o direito natural de ser mãe, de amamentar, de educar o próprio filho, para se dedicar exclusivamente ao rei-imperador que a visitava em consultas diárias e a possuía quando os sinais premonitórios se auguravam propícios, coisa em que os últimos cinco anos de governança não abundaram, contribuindo para as escassas relações sexuais³⁴.

Ora, serão as notícias trazidas do além e de outras esferas da ancestralidade, as quais, através de Namatuco, farão sossegar os ânimos e os anseios das outras mulheres, novamente inseridas no contexto moçambicano que já não preservava quase nada dos tempos da supremacia nguni. Na verdade, fora do chão que lhe era próprio, ou seja, a partir do momento que partiu de Moçambique para o exílio, Namatuco não mais teve a capacidade total de fazer suas previsões, sendo que ela, diferentemente de outras pessoas do reino sensíveis aos espíritos, não precisava manusear os ossículos, pois estabelecia os sobrenaturais contatos através de seus pés. De volta a Moçambique e nas zonas periféricas, observamos Namatuco num diálogo com Sibuko a retomar seus antigos dotes:

- Chegamos à fronteira – disse Sibuko Simango. – Aqui termina o mundo dos brancos e começa o dos pretos.

- Estou sentindo – aquiesceu Namatuco.

E sentira, de facto, depois de quinze anos de exílio, a planta dos pés a ganhar vida e a transmitir a energia vital, a regressar aos tempos primeiros da vida premonitória. O corpo começou a ter vibrações próprias. O sangue fluía, os nervos retesavam-se e distendiam-se a ritmo próprio e os pés ganhavam a vibração da reaprendizagem. Chorou e abraçou Phatina, afirmando, com voz trêmula de alegria: “Estou a renascer, Phatina. Os espíritos da terra estão a acolher-nos. Voltamos à casa.”³⁵

Lhésipe voltou do exílio com um casal de filhos, Marco António, com nove anos, e a mestiça, Maria Antónia, com sete. Para ela, Namatuco previu a cidade de Chibuto, onde verá os filhos crescerem e conseguirem êxito na vida. No entanto, ela terá mais sete filhos com dois maridos que morrerão de tuberculose por não suportarem as profundidades das minas de ouro da África do Sul. Anteriormente, em conversa sobre questões íntimas com Malhalha, Lhésipe deixou clara a sua decepção em relação aos homens:

- (...) O meu prazer fica-se pela dor. Quando me penetram, ranjo os dentes, cravo as unhas nas costas do homem, sussurro, e sinto o homem a estrebuchar, a entregar-se, a tornar-se indefeso. Pensei que com os brancos fosse o contrário. Mas todos fodem da mesma maneira. São brutos. A ligeira diferença reside no palavreado que os brancos soltam de forma desordenada. Os pretos, esses, ficam-

³⁴ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 134.

³⁵ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 143.

se muito pelos grunhidos. Isso tu sabes. O Ngungunhane não era assim?³⁶

Malhalha, uma das mais novas, retornou com João Samakuva Gomes, seu filho de oito anos, filho de João Gomes Samakuva, o qual acreditava que mudar a posição dos nomes do filho poderia promover-lhe uma posição social mais digna. Angolano radicado em São Tomé, ele foi companheiro e amante devoto de Malhalha. Quando este faleceu, sua amada fez da campa de João o seu lar noturno, existindo e resistindo como um fantasma. Dessa forma, quando soube do regresso a Moçambique não ficou nem um pouco entusiasmada, pois não queria se afastar do lugar onde seu homem tinha sido enterrado. No entanto, Namatuco soube de outras profecias para a sina de Malhalha:

- Não te preocupes, Malhalha – avançou Namatuco, já a emocionar-se. – O teu futuro está traçado. Irás viver em Xai-Xai, e, a teu modo, conviverás com os brancos que cuidarão do seu filho e te chamarão de rainha porque o governador local convenceu-se de teres tido estreitos contactos, na capital do império, com o rei Dom Carlos, tristemente assassinado (...). Serás a preta rainha, Malhalha! E tomarás o chá da tarde com o governador que te ofertará um serviço completo de chá e toalhas e mesas e cadeiras apropriadas. E serás adulada pelos pretos que te chamarão molungo, o mesmo que branco. A tua esforçada capacidade em captar outros valores, tornar-te-á exímia, entre os indígenas, no trato da língua portuguesa, porque a tua preocupação, o teu maior desejo, é ver o João Samakuva Gomes, triunfar no mundo dos brancos, assimilando valores que o tornarão chefe de posto de um concelho de administração sem visibilidade no mapa do distrito de Xa-Xai³⁷.

Oxaca – ex-cônjuge de Zilhalha, o qual era conhecido também por Nwamatibjwana – ativa e espontânea, não tinha um bom relacionamento com Namatuco que era uma grande defensora da tradição nguni. Na verdade, Oxaca tinha um tom de pele mais claro que indicava o seu pertencimento a etnia chope, historicamente grande inimiga do império de Gaza. Segundo as previsões de Namatuco, Oxaca seria sáfara e praticaria a venda do sexo alheio. Mas antes teria um romance com Sibuko Simango, o qual irá inevitavelmente para o interior de Inhambane com o patrão, antes lhe deixando uma propriedade em terras distantes que serviria de futuro bordel. Por conseguinte, o fato de não ter descendentes fará com que Oxaca adote as crianças abandonadas pelas prostitutas, sendo que, apesar do ambiente promíscuo, ela levará uma vida sem sobressaltos em virtude de sua simpatia e altruísmo.

Phatina, por quem todas tinham um verdadeiro afeto, era talentosa nas lidas culinárias: “Devíamos todos passar pela cozinha, a arte de cozinhar não devia ser privilégio de poucos. Todos devemos balançar os sabores, sopesá-los, e dar o toque que queremos aos pratos da nossa vida. Comer deve ser uma alegria e não necessidade.³⁸” Em razão de querer experimentar uma gama enorme de sabores exilada em São Tomé, Phatina foi a primeira a transgredir as regras de alimentação impostas pelos hábitos nguni que não permitiam às suas gentes o consumo de peixe, o que era considerado um costume de povo bárbaro. Com efeito, Phatina encontrará o seu filho que nunca saiu das terras de Moçambique, Tulimahanche, o qual vai se tornar um valente

³⁶ KHOSA, Ungulani Ba ka. *Op. cit.*, 2018, p. 137.

³⁷ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 178.

³⁸ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 172.

opositor do colonialismo português. De resto, em companhia do amado filho, ela seguirá sem querer outro homem, como o fizera no exílio:

Em São Tomé, Phatina só pensava no filho, o único que tivera, imaginando-o em frequentes cogitações ante o turbulento momento de aprisionamento e exílio do rei e das mulheres mais próximas. A imagem do menino apossara-se dela com tanta intensidade que a tornou distante perante o assédio dos homens. O olhar tornou-se frio, levando um militar português a dizer aos próximos para não perderem tempo com a pedra rochosa que não aquece no tórrido e asfixiante clima de São Tomé. “Uma preta que não é quente, é um cadáver sem sepultura”, sentenciou, e a frase colou-se à sua imagem nos quinze anos de exílio³⁹.

Debeza em sua singularidade feminina soube guardar um importante segredo durante toda a sua vivência no exílio. Não caberá a Namatuco traçar as linhas para o porvir de Debeza, uma vez que esta última, sabendo que a advinha acessaria naquela madrugada os seus segredos mais devastadores, julgou por bem fugir antes de nascer o dia. Assim, nos três meses e dez dias de confinamento no Forte de Monsanto, em Lisboa, Debeza manteve relação de adultério com o príncipe Godide, o que expõe mesmo que ficcionalmente o caráter transgressor e traidor de Godide, cantado por poetas e literatos moçambicanos como um signo de idoneidade a ser seguido. Dessa maneira, Ungulani Ba Ka Khosa nos incita a ponderar as virtudes e fraquezas de grandes personagens históricos.

Publicado em 2017, *Cartas de Inhaminga*, longe de se constituir como uma coletânea epistolar como o título parece sugerir, é um livro composto por textos de opinião e por matérias de vária ordem que discorrem sobre aspectos sociais e culturais moçambicanos, os quais Ungulani Ba Ka Khosa reuniu ao longo dos últimos anos. Dessa forma, em “Moçambique Polígamo”, um dos dezenove textos que o compõem, podemos observar que o imaginário do escritor propõe outro olhar para as questões femininas do passado de Moçambique que também nos ajudarão a compreender *As Mulheres do Imperador*:

A mãe primeira, a Gaia de todas as coisas, a deusa fecundadora do espaço identitário, foi a mulher poliandra. Ela inscrevia-se nesse quadro raro e emblemático de uma mulher gozar o privilégio terreno e legal de ter vários maridos, comprazer-se à luz do dia com vários personagens e partilhar o leito existencial com múltiplas cores e credos e personalidades. Para o futuro espaço identitário, a nossa Gaia foi espalhando filhos de várias matizes, credos múltiplos, cores diversas, pensamentos plurais. (...) A todas estas gentes de cores e feitos, a terra mãe abraçou e fecundou gente que foi mapeando a diversidade⁴⁰.

Muitos anos depois do fim do império de Gaza, convencido da importância suprema das mulheres como educadoras dos jovens, Samora Machel costumava se referir à família como “a primeira célula do partido”. Portanto, momentos antes da aurora da independência de Moçambique, as mulheres teriam um papel fundamental para concretizar o futuro promissor da nação, pelo menos foi o que teoricamente ficou evidente através de suas palavras na conferência

³⁹ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2018, p. 128.

⁴⁰ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Cartas de Inhaminga*. Maputo: Alcance Editores, 2017, p. 67.

de fundação da OMM (Organização das Mulheres Moçambicanas), em 1973, aquando o líder da Frelimo condensara os objetivos sociais da revolução:

A emancipação das mulheres não é um acto de caridade, o resultado de uma atitude humanitária ou compadecida. A libertação das mulheres é uma necessidade fundamental para a revolução, o garante de sua continuidade e uma condição prévia da sua vitória. O principal objetivo da revolução é destruir o sistema de exploração e construir uma nova sociedade que liberte o potencial dos seres humanos, reconciliando-os com o trabalho e a natureza. É neste contexto que surge a questão da emancipação das mulheres⁴¹.

Referindo-se ao momento de retomada da independência, Ungulani Ba ka Khosa lembra que o passado de Moçambique foi pautado pela poligamia:

Há países que nascem naturalmente mulheres, assumindo marcas femininas no trato e nos gestos, e outros, por força de espíritos ou dos deuses, parturam-se homens. O nosso, por sinal, nasceu masculino e com uma voz particularmente grave e tonitruante. Durante curtos anos, diga-se, foi monogâmico. Os filhos, gerados na euforia das bandeiras desfraldadas à liberdade, foram educados no monolitismo, na voz única de comando, no assumir uma nação livre de cores, etnias e credos. Estes desideratos contrariavam a atávica vocação polifónica, polígama, assente na mátria terra ⁴².

Através de um narrador onisciente intercalado com o discurso direto das ex-rainhas e da figura solidária de Sibuko ou do governador de Moçambique à época, bakhtinianamente a polifonia está estabelecida para atender a múltiplas perspectivas, as quais colmatam possíveis lacunas históricas, indagam verdades cristalizadas, relativizam e ironizam os feitos de Ngungunhane, de sua corte e das autoridades coloniais portuguesas. A alusão à poligamia feita por Ungulani Ba Ka Khosa ou mesmo os casos de suposto adultério na corte imperial de Gaza, presentes em *As Mulheres do Imperador*, revelam-nos que na tentativa de reconstrução do país após a independência o elo vital com antigas tradições foi rompido. Apesar dos discursos de Samora Machel em prol da emancipação feminina, muito pouco foi efetivamente realizado para que a submissão feminina pudesse ser revertida numa situação com maior equidade social em Moçambique. Ao fim e ao cabo, as mulheres do começo do século XXI ainda padecem do silenciamento de outrora e a arte literária poderá, pois, contribuir para desmantelar os reais e simbólicos impérios da recalcitrante dominação masculina.

Referências bibliográficas

AFOLABI, Niyi. *Emerging Perspectives on Ungulani Ba Khosa: prophet, trickster and provocateur*. Trenton: Africa World Press, 2010.

⁴¹ URDANG, Stephanie. The Last Transition? Women and Development in Mozambique. *Review of African Political Economy*, 27/28, 1984, p. 27.

⁴² KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Op. cit.*, 2017, p. 67.

AFONSO, Maria Fernanda. *O Conto Moçambicano: Escritas Pós-Coloniais*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação*. Maputo: Marimbique, 2010.

CHIZIANE, Paulina. *As Andorinhas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

COUTO, Mia. *As Areias do Imperador*. Livro Um – Mulheres de Cinza. Lisboa: Editorial Caminho, 2015.

COUTO, Mia. *Sombras da Água: As Areias do Imperador – uma trilogia moçambicana*, livro 2, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COUTO, Mia. *O Bebedor de Horizontes: As Areias do Imperador – uma trilogia moçambicana*, livro 3, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia de la historia universal*. Madri: Revista de Occidente, 1928, t. I.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Cartas de Inhaminga*. Maputo: Alcance Editores, 2017.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Charrua - Revista Literária*. N°1, Junho de 1984.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Choriro*. 1° ed. Porto: Sextante, 2015.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Gungunhana: Ualalapi seguido de As Mulheres do Imperador*. Porto: Porto Editora, 2018.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *O Rei Mocho*. São Paulo: Kapulana, 2016.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Orgia dos Loucos*. São Paulo: Kapulana, 2016.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

LABAN, Michel. *Moçambique: Encontro com Escritores*. Vol. III. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

LEITE, Ana Mafalda. Reescrever os limiares da História para repensar a Nação. LEITE, Ana Mafalda;

OWEN, Hilary; CHAVES, Rita & APA, Livia (Orgs). *Nação e Narrativa Pós-colonial I. Angola e Moçambique – Ensaio*. Lisboa: Edições Colibri, 2012, pp. 107-122.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

NHAMONA, Elídio Miguel Fernando. *Dialética das formas literárias: uma interpretação de O Livro da Dor, Godido e Outros Contos e Chitlango, Filho de Chefe*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos

Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SERRANO, Artur. *Sons Orientais*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1891.

SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016.

TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995.

URDANG, Stephanie. The Last Transition? Women and Development in Mozambique. *Review of African Political Economy*, 27/28, 1984, p. 8-32.

Artigo recebido para publicação em: Junho de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Setembro de 2018.